



Director literario:
Arquibaldo Campesina
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Collaço
 PAPUSSE

S. PEDRO

por GRACIETE
 BRANCO

Desenhos de OLAVO

S. Pedro, nessa manhã,
 bocejou, saltou do leito,
 deu dez massagens ao peito
 e às faces cor de romã;
 mudou de roupa, lavou-se,
 fez a barba, escanhou-se,
 cortou as unhas dos pés,
 (nada menos:—eram dez...)
 pôs um cravo na lapela
 da sacrosanta farpela,
 e foi, despido de abrolhos,
 num alvoroço profundo,
 deitar uma vista de olhos
 às profundezas do Mundo!...

—«Olá!»—(murmurou o Santo
 num bocejo colossal...)
 O Mundo tem novo encanto!
 Vai crescendo o festival!
 Já se vestem as cachopas
 das suas mais lindas roupas!
 Já os lábios namorados
 gritam e falam, calados...
 O meu nome, em faina louca,
 anda lá, de boca em boca...
 Quem me dera transformado,
 em meu nome e mais cantigas,
 para andar sempre embalado,
 nos lábios das raparigas!...

Ficou-se o Santo a pensar,
 depois de tanto dizer...
 Nisto,—coisa de pasmar!—
 Sentiu-se descer... descer...
 Olhou p'ra si, não se viu!
 Quiz gritar, não conseguiu!...
 Ia rolando, rolando,
 como uma folha voando...
 —E muito tempo voou,
 até que a noite chegou...
 Então, sem compreender



n'um bocejo colossal...

a sua sorte exquisita,
achou-se numa bonita
boca de linda mulher...
Uns lábios, muito rosados,
embalavam-no, a sorrir...
Mas seus olhos acordados
não conseguiam dormir...

S. Pedro estava contente
porque entendeu, finalmente,
que Alguém o fez transformar
em cantiga popular...

Brandamente, os olhos seus,
ergueu, em prece, ao bom Deus...
... Reparou na côr do Céu...
... «Céu côr de rosa?!... Não liga!...»
—E' que era, afinal, o céu
da bôca da rapariga...

Dessa bôca foi, enfim,
p'ra outras, sempre a cantar;
e o pobre vêlhinho, assim,
não conseguiu descansar...

As vezes, numa cantiga,
eis que a alegre rapariga,
sem poder conter o riso,
em gargalhadas, sem siso,
abria a boca... e então
caía o Santo no chão!...

Desalentado, a chorar,
feroz, sem medidas meias,
pôs-se a fazer engasgar,
as donas das bocas feias...

Assim andou, sem parar,
em fúria desabalada!
—Eis que se põe a rezar
numa prece maguada:

—«Meu Senhor! Tem compaixão!
Condoi teu bom Coração!
Faze com que eu suba ao Céu
que este Céu não é o meu!
Quero subir ao meu pósto!
Tem, de Pedro, compaixão!
Senhor: volve a mim teu Rosto!
Antes ser guarda-portão!»

... E o Santo subiu... subiu...
Chegou ao Céu,—respirou!
E quando ao espelho se viu,
mais velho e feio se achou!
Murmurou então, consigo:
—«O Céu, sempre é Céu,—amigo!

Aqui sou velho?!—siente!
Mas sou velho eternamente!
...Então, não querem lá ver,
as cachopas, com prazer,
em voz de terno carinho,
a chamarem-me santinho?!...»

(Sobe da terra, entretanto,
esta canção, com encanto:)

...«S. Pedro, ai rico Santinho,
pede ao Deus imaculado,
que te dê um balãozinho,
pró Céu ficar enfeitado...»

S. Pedro, ouviu e quedou!...
Achou graça à petição...
...Mas agora onde é que eu vou
arranjar o tal balão?!...»

Súbito, tem uma idéa!
(Ideia que eu aprecio!)

—Agarra na lua-cheia
e põe-lhe dentro um pavio!...

E tendo o riso a brilhar
nos olhos que Deus lhe deu,
vai a lua pendurar,
mesmo no centro do Céu!...

(Vem da terra outro cantar,
cantar lindo... côr do linho:)

«Já foste o Céu enfeitar,
S. Pedro, ai rico Santinho!
A'manhã vou-me casar,
has-de ser o meu Padrinho!...»

.....
—S. Pedro foi-se deitar!...
Adormeceu o Santinho!

☆ fim ☆



Tribulações dum estudante

por MARIA LUISA BANDEIRA PACHECO—Desenhos de OLAVO



ra aqui o vereis. Começo sem saber por onde hei-de começar. Aferro-me à zoologia, perturbo-me na História de Portugal, desnortheo-me nas gramáticas francesa, inglesa, portuguesa, latina... e quando chega a hora do segundo almoço, ainda me falta uma porção de livros, que quasi tenho de apanhar outro «douch» para não desmaiar.

Dá a pouco o senhor professor entra...

—E o senhor não sabe nada.

—Ora essa! Sempre alguma coisa hei-de saber.

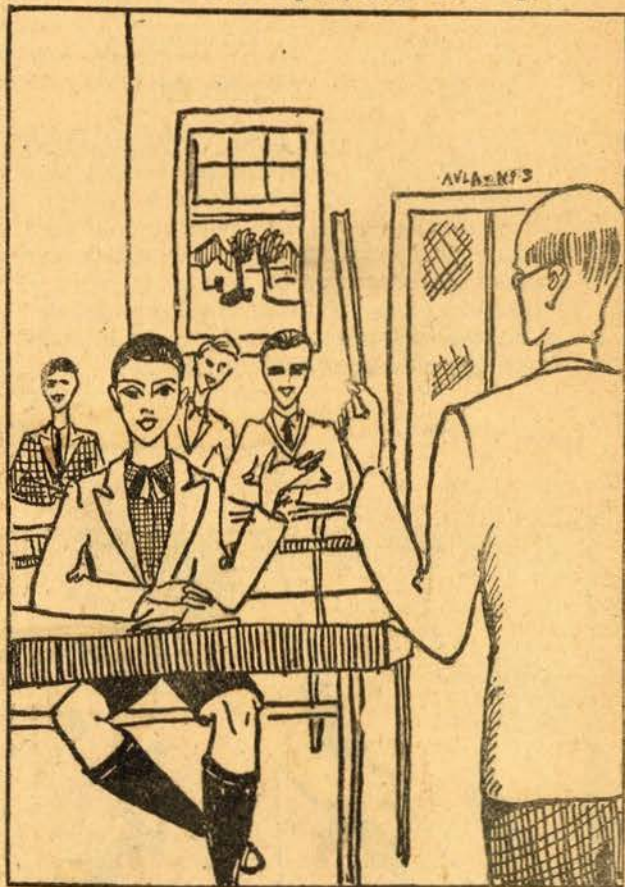
Nos dias em que não vêm, são os professores de Ginástica e Desenho,

E lá começa o desgraçado do Henrique a levantar os braços para o tecto, a agachar-se e a levantar-se não sei quantas vezes. Uma perna no ar; a cara para as costas...

No desenho sou um barra!

O professor fala-me no Miguel Angelo e diz que é antigo.

Só êle faz boas pinturas modernas. Já fiz toda a baixela da casa; desde as salvas de prata, até ao tacho do gato.



A mestra de francês então é surda. Tem a mania de que um filho que lhe morreu na guerra se parecia comigo; volta e meia agarra-se a mim aos beijos, que eu não sei como não fico morto.

E' uma Vénus a caminhar para os setenta anos.

A de inglês é outra Vénus mas irritante.

Dá cada berro, que eu, meio tonto, faço uma mistura, ou antes, uma «maionaise» de verbos de diferentes línguas, e mudo a nacionalidade aos reis. Tem uma saúde de ferro. Nem uma constipaçãozinha vem toldar a quietação das suas visceras...

(Continua na página 7)



E o menino não estuda, desinteresse-me de o ensinar; pois acho ser uma espécie de exploração o estar a receber dinheiro duma família, sem que o causador dessa despesa aproveite com isso.

Isto dizendo o «velho professor», limpava os óculos (á Harold), e colocando-os de novo sobre o aparelho respiratório e respeitável, rematou: — Entendeu?!

O interpelado, que se chamava

Henrique e tem catorze anos, com os cotovêlos sobre a mesa, a cara encostada às mãos, murmurou um «entendi» enfadado e atalhou persuasivo:

—Mas, ó senhor Amaral, então eu não estudo?

—Ainda tem dúvidas?

—Parece-lhe. Com a maior placidez, Henrique explica:

—Sabe com franqueza o que me sucede?

—E' a falta de tempo...

Pairou no ar um frémito de cólera e espanto. Quasi sufocado, o professor exclamou:—Se você não faz nada!

—Não faço nada? Ora escute:

—De manhã, começo logo pelos esforços que emprego para ficar mais um temposinho na cama. A seguir o banho com «douch» obrigatório, que o médico da casa entendeu que havia de cair em cima da minha rica espinha, todos os dias—quando êle é que devia apanhá-lo!—Depois uma coisa a que chamam primeiro almoço e toca a estudar... Ago-



EXCESSO DE VELOCIDADE
 PEÇA NUM ACTO POR
 LUISA ALVES COM
 DESENHOS DE OLAVO

a pequenina NIAA

PERSONAGENS

LUISA — MARIA — O COMISSÁRIO
 DE POLÍCIA — UMA BONECA

No momento do pano subir, Luizinha e Mariazinha introduzem-se secretamente no gabinete do pai desta última. Um retalho de luz, que as cortinas arrendadas deixam passar, põe uma mancha de ouro nos rostos trigueiros e faz abrir num sorriso os lábios cor de sangue.

Mariazinha entretém-se a espreitar o que vai na rua, enquanto a atenção de Luizinha se prende na capa garrida dum enorme livro.

SCENA PRIMEIRA

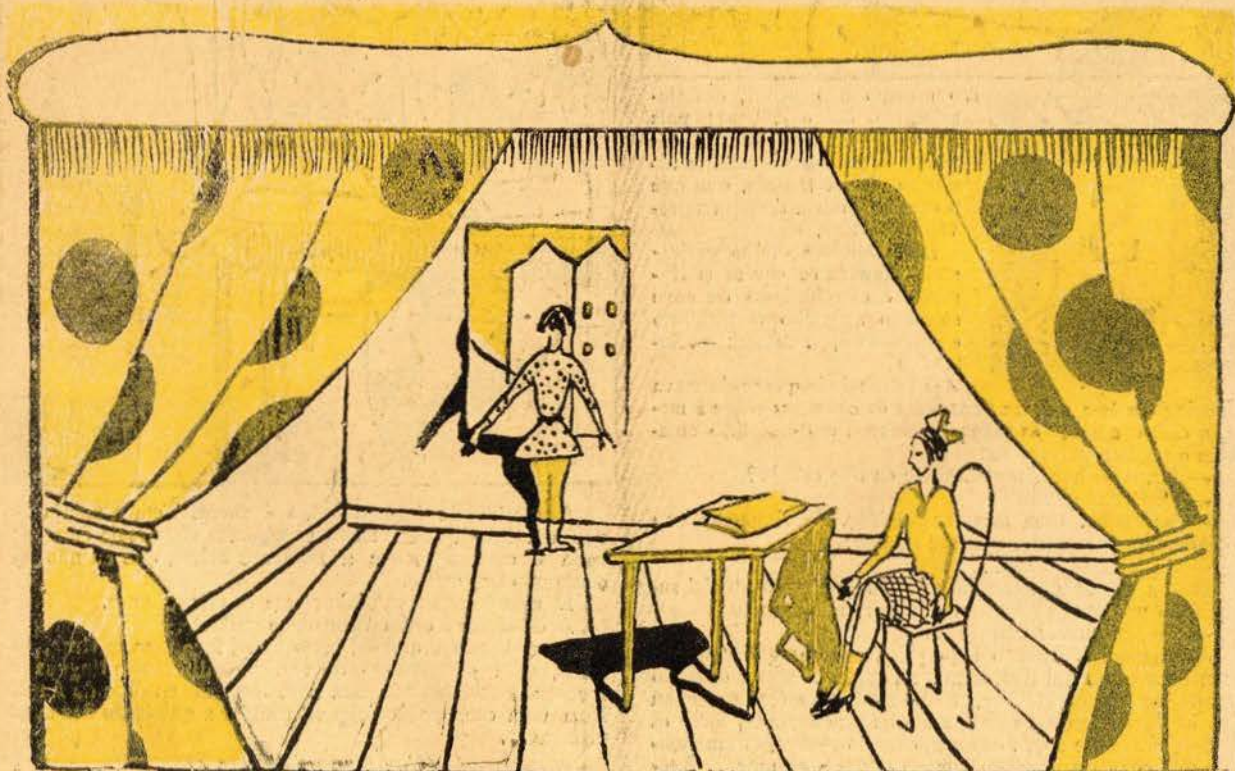
MARIAZINHA (voltando da janela com um ar desolado): — Que grande desgraça! Nem sei como contar-te...

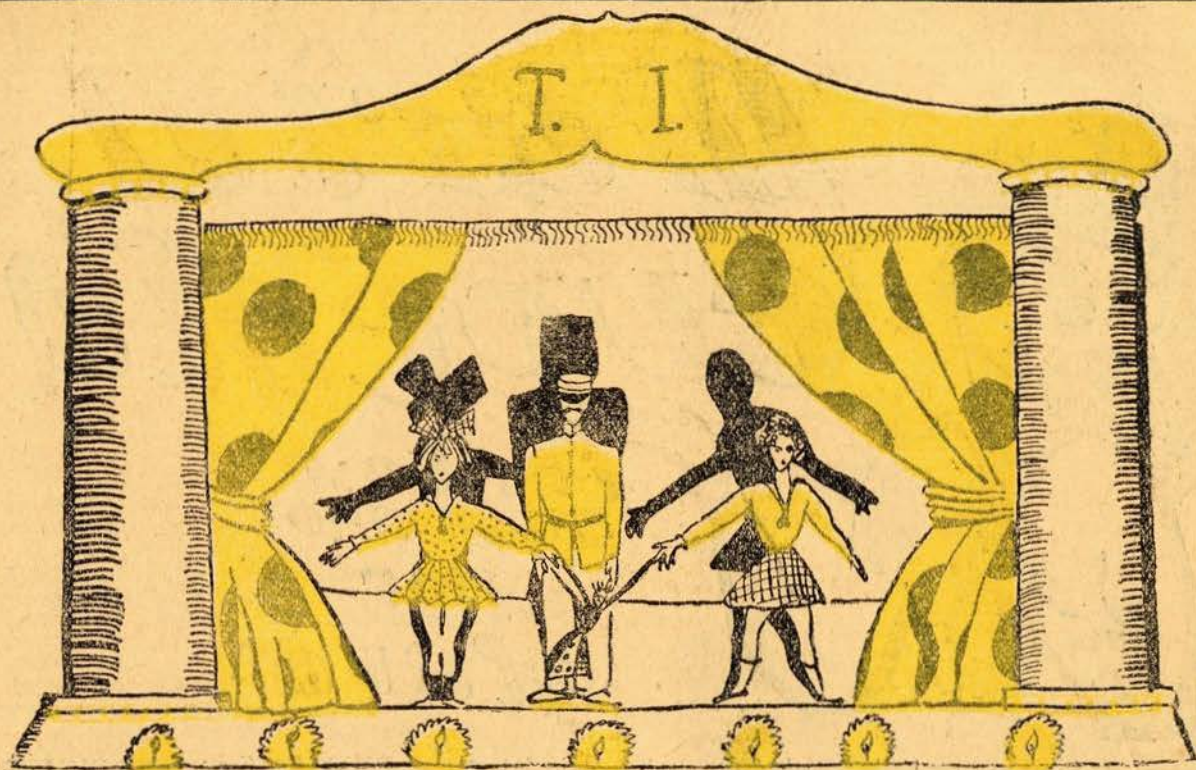
LUIZINHA — O que foi, que aconteceu?

MARIAZINHA (que a puxa até à janela e marca com o dedo um ponto da rua) — Vê, lá em baixo!...

LUIZINHA — A Guilhermina! coitadinha em que estado a puzeram. Mas como sucedeu isto?

MARIAZINHA (em voz sumida, mostrando-lhe um automovel prestes a desaparecer no extremo da rua) — Foi aquêlé...





LUIZA (*entre pensativa e indignada*) — A morte por atropelamento. O caso é grave!..

É preciso participá-lo imediatamente à polícia.

MARIAZINHA (*com desalento*) — Mas nós não sabemos onde mora a polícia.

LUIZINHA (*faz um trejeito misterioso e depois de trepar à secretária para alcançar o telefone*) — Está lá? Eu queria falar ao sr. comissário de polícia porque a Guilhermina... (*para Maria*) Credo! Como esta gente se zanga.

MARIAZINHA — O que dizem êles, Luiza?

LUIZINHA — Responderam-me assim como quem está irritado (*tentando imitar a voz que o telefone lhe trouxe*) — «Isso não me interessa». Está lá?

MARIAZINHA (*que torce com ansiedade uma ponta do vestido*) — Que disseram agora?

LUIZINHA (*fazendo tremer a mesa com um salto*) — E' da polícia, é da polícia.

Está lá? Deu-se ha instantes, um grande desastre; foi atropelada a Guilhermina...

(*Depois de escutar uns momentos*) — Quantas perguntas me fazem! Estes polícias são muito curiosos. (*Ajudando a outra a empoletrar-se na secretária*) — Sôbe lá tu, que sabes como as coisas se passaram.

MARIAZINHA (*ao telefone, depois de ouvir com muita atenção*) — O nome todo da Guilhermina... é Guilhermina; e mora em minha casa. Como se deu o desastre?

Eu estava com ela à janela e, de repente... não sei como isto foi... escorregou-me das mãos... Fiquei tão assustada! Tapei os olhos e quando tornei a vêr a rua estava a pobre Guilhermina com as tripas de fóra, a cabeça esmagada e um braço partido. E' que lhe tinha passado por cima um automovel, que ainda ia a correr

muito... Uma vizinha, que estava na rua, tinha-a salvado se o carro não viesse tão depressa.

A mamã já há dias adivinhou o que ia suceder, por eu pôr sempre a Guilhermina pendurada da janela.

(*Voltando-se aflita para Luiza*) — Estão a rir.

(*Torna a escutar*) — O nome da minha rua? Não sei, mas a Luizinha vai perguntar.

A porta tem lá em cima um quatro e um dois, que eu ontem reparei.

Está? Olhe, a Luizinha diz que a rua se chama T. T.

Está lá? (*Para Luiza*) — Não me respondem.

LUIZINHA — Deixa, Anda para baixo e vamos pensar na melhor maneira de arranjar outra Guilhermina.

MARIAZINHA (*com uma lágrima na ponta das pestanas*) — Isso é impossível, Se visses que cara tão feia o papá fez quando me disse que, se estragasse essa boneca, já não me comprava outra!

LUIZINHA — Tal qual como o meu pai quando me oferece alguma coisa.

Querem que nós passêmos a vida a olhar para os bonecos, sem lhes tocar, sem vêr como são feitos, e acham que nos divertimos muito assim...

(*As duas vão à janela contemplar ainda uma vez a deformada Guilhermina*).

SCENA SEGUNDA

O comissário de policia (*entrando com um embrulho debaixo do braço e dirigindo-se a Luiza*). V. Ex.^a é que é a mamã da menina Guilhermina?



Maria Eugénia

conto e
desenho

por

Olavo



Maria Eugénia é uma menina muito linda a quem chamamos simplesmente, a Géninha.

Quando a Géninha era garota (em idade) e apenas contava nove anos, estava tão desenvolvida e tinha uns ares tão importantes, que já parecia uma senhora de quatorze ou quinze anos. E nessa altura, a Géninha gostava muito de parecer mais velha do que realmente era, porque ela

bem sabia que as suas amigas se mordiam de inveja e despeito por pareciam tão crianças ao pé dela.

gadas da troça que a Géninha lhes fizera, quando eram crianças. A Maria-Amélia, a Maria-Júlia, todas, enfim, cresceram como toda a gente e até já tinham namoro.

Só a Géninha não passava daquilo. Sempre linda, sempre com ares de bonequinha francesa e sempre cheia de infinita tristeza por parecer tão nova, tão criança!

Mas o tempo continuou a passar porque a Géninha não se esquecia nunca de dar corda ao seu relógio e enquanto os relógios não pararem o tempo também não pára.

Agora a nossa boneca já contava trinta e tal anos e parecia ter, quando muito vinte. Novamente as outras raparigas lhe tem inveja por parecer tão nova. E novamente a Géninha se cobriu de vaidade por parecer tão nova ao lado das suas amigas de infância que começam a envelhecer.

O tempo foi passando. Agora Géninha tem dezassete anos e parece ter dōze. Ninguém pode imaginar o desgosto que ela tem com isso!

Mas quem havia de dizer, quando ela tinha nove anos, tão crescida, tão senhoril, que havia de ficar assim mesmo e não cresceria mais?! — Agora as suas amigas estavam vin-

E como a Géninha não se esqueceu de dar corda no relógio grande da sala de jantar, o tempo não deixou de caminhar sempre velozmente. E um dia veio a morte com um grande saco, levou consigo a Géninha, as amigas da Géninha e todas as vaidades, invejas e despeitos com que um e outras amarguraram a vida.

■ F I M ■

LUIZINHA (muito séria apontando Maria)
—E' esta minha amiga.

O *comissário* (dobrado numa reverência).
—O «chauffeur» que originou a horrōrosa catástrofe já está preso e experimentará todo o rigor da lei, se V. Ex.^a não lhe perdoar.

MARIAZINHA (ao ouvido de Luiza) — Que palavras tão esquisitas diz este homem!

LUIZINHA (que teve uma ideia) — Perdoa, sim senhor; mas é preciso que lhe tragam uma Guilhermina toda inteira...

SCENA TERCEIRA

O COMISSARIO DE POLÍCIA (rindo e desatando o embrulho) — Pronto! Aqui está uma Guilherminazinha a que não falta uma falha sequer. (Mariazinha faz estalar dois grandes beijos nas bochechas da boneca).

E agora prometo-lhe que, para evitar desgraças deste género, reprimirei severamente o excesso de velocidade.

ISA ALVES

■ F I M ■

Tribulações dum estudante

(Continuação da pagina 3)

Chovam raios e coriscos, ela aparece sempre impávida: Capa de borracha até aos pés, calçados de galochas, chapéu de oleado na cabeça, e o de chuva debaixo do braço.

—Basta! menino Henrique.

—O' senhor Amaral espere um pouquinho que eu já acabo:

Há também o professor de dança ás quintas-feiras:

E' um jóven distinto que usa cinta da Pompadour, e vai à manicure arranjar as unhas.

Só se perfuma com a essência Nally, e creio que põe rouge.

A ensinar-me é assim:

E Henrique com voz melíflua, aos pulinhos, pôz-se a imitar:

—Henriquinho são dois passos para a frente... Mais agilidade, menos pernas, amôzinho...! então?!... Uma vez cai no encerado. Foi a «apoteose» do Charleston.

O professor Amaral suava por todos os póros, e, aqui para nós, tinha vontade de rir; mas só fazia carêtas.

—E as noites, não as tem livres? exclama êle.

—Tenho e estudo; porém acontece-me como de manhã:

Ora agarro num livro, ora noutro; e êles parece que crescem, sinto-me afogar num mar de sono, e vou direitinho para a cama como um sonâmbulo.

—O senhor não se envergonha de falar assim da sciência, rodeado como está por tantas obras primas? E o senhor Amaral designava, com a mão trémula, os enormes livros preciosamente encadernados que ornavam a Biblioteca.

—Está muito bem.

Porém tenho a certeza de que a maior parte dêstes grandes talentos, autores destas obras primas, não tiveram tantos professores. Alguns até estudaram sózinhos.

—Mais me ajuda:—Veja essa força de vontade.

—Vejo mas é que se dedicaram a uma só cousa, e puderam profundá-la dedicadamente;—terminou Henrique.

A's vezes ponho-me a pensar:

—Que tenho eu que Leônidas, à frente de 300 Espartanos, se opuzesse à passagem do exército de Xerves? Que o Epaminondas tornasse Thebas florescente?

Vai-se a vêr o Leônidas não deixou passar o Xerves; mas deixou que o Themistocles o puzesse a pão e água.

Que diacho de nomes!

Outra cousa:—Teve o nosso D. João I tanto trabalho para conquistar Ceuta aos Mouros, sacrificaram o infeliz D. Fernando, para no fim de contas mais tarde, num tratado de paz, ela ser cedida sem mais cerimónias à Hespanha.

Que aflicção me faz o Martim Moniz entalado nas portas do castelo! Eu é que não estava por tais ajustes!

O pobre Marquez de Pombal, que tão grandes cousas fez, (bem sei que foi mauzinho, no entanto foi grande!) Vem uma D. Maria apocalíptica, e prega com êle numa quinta.

Descobre Pedro Alvares Cabral o Brazil, para, daí a tempos, outro Pedro o deixar perder.

Os portugueses descobriram a India, China, Japão, etc...

Hoje possuímos umas amostras de tudo isso. Ah! temos cá os chinezes e japonezes a vender colares e ventarolas, já é alguma cousa.

Interrupção do senhor Amaral, de mãos na cabeça:

—Êle hoje está mesmo de todo!

Henrique continuando:

—E a respeito de línguas mortas? Que graça eu acho ao latim! Bem sei que com êle se leem Epopeias célebres. Mas que célebre estopada para aprendê-lo!

Dá vontade de dizer:—vadre retro—e fechar o livro para não mais o abrir. Como eram capazes de se lembrarem de me ensinar grego, perfiro conservar-me latino.

E patagão e língua bunda, quando chegará o dia?

Na Matemática não falemos,

Depois de mim, só o Pitágoras. A Zoologia é também uma dama muito interessante. Simpatizo imenso com os amigos macacões, e acredito que descendamos dêles; porque eu encontro tantos por aí a abraçarem-se uns aos outros...

Ora não tendo eu que estudar para veterinário, que me interessa que os ratos sejam roedores vorazes, que tenham a cauda comprida, nua e escamosa, incisivos agudos e molares chanfrados?

Continua no proximo numero



PALAVRAS CRUZADAS
SOLUÇÃO DO NUMERO ANTERIOR

verdadeira

historia

do PUM

por OLAVO

Continuação do número anterior

Ia falar ao Anastácio! contava-lhe tudo o que se tinha passado, pedia-lhe desculpa por não o ter avisado da proveniência do dinheiro e terminaria suplicando-lhe que, por sua vez, lhe emprestasse algum com que pudesse criar um pequeno negócio, que o tornaria independente. Com certeza que o Anastácio não teria coragem para recusar...

Vestiu um fato velho, que ainda conservava do seu falecido pai e dirigiu-se para casa do Anastácio, com o coração cheio de esperança.

Chegado lá, bateu à porta, com a mão muito trémula, de contente que estava. Veio abrir, um criado, muito sério que lhe perguntou quem era! E o nosso homem humildemente, murmurou: Eu cá, sou o Pum e desejava falar ao sr. Anastácio. Espere um bocadinho; eu vou ver se o sr. Anastácio está em casa. Dai a alguns segundos o Pum ouvia perfeitamente a voz do Anastácio que gritava para o criado: Eu não estou em casa para esse senhor! Pode mesmo dizer-lhe que não conheço ladrões ou moedeiros falsos...

O Pum ficou varado. O quê? Então o Anastácio, o seu amigo de infância, a quem ele ajudara também, numa ocasião aflitiva, recusava-se agora a socorrê-lo. O dinheiro que ele lhe emprestara era rialmente falso, e, portanto, roubado. Mas, a verdade, é que o Anastácio se tinha aproveitado de esse dinheiro, e, agora, que sabia a sua deshonrosa proveniência, não deixava, por isso, de guardá-lo. Santo Deus! pensou o Pum de si para si. Como os homens são ingratos! O Anastácio, depois de enriquecer, já não precisava do seu velho amigo e bemfeitor, e recusava-se, mesmo, duma maneira brutal, a recebê-lo em sua casa.

Como os homens são ingratos! pensou mais uma vez o Pum, caminhando, devagar, em direcção ao Tejo, com tensões vagas de pôr termo à vida.

Continúa no próximo número



... conseguiu apantalo...